

Artigo para ser inserido no livro de homenagem ao Prof. Doutor João Malaca Casteleiro

Ana Mineiro¹

ILTEC / ICS (UCP)

**A metáfora na terminologia portuguesa da náutica:
um recurso cognitivo de língua e de cultura?**

Ao Prof. Doutor João Malaca Casteleiro,
A ele devo o meu “despertar” para a linguística.

Resumo

Neste artigo explorar-se-á a metáfora enquanto recurso cognitivo da língua e da cultura portuguesas numa área de conhecimento especializado: a ciência náutica.

Delimitar-se-á o conceito de metáfora e o modelo cognitivo utilizado para a tratar neste âmbito e, posteriormente, serão focalizados dois aspectos:

- a metáfora da náutica enquanto recurso cognitivo que activa um determinado mecanismo linguístico: a sinonímia e,
- a metáfora da náutica enquanto recurso cognitivo moldado pela cultura.

Este artigo foi elaborado com base na dissertação de doutoramento intitulada “O papel da metáfora na terminologia náutica portuguesa”, apresentada à Universidade de Lisboa, em Dezembro de 2005 e orientada pela Prof. Doutora Margarita Correia e pela Doutora Fernanda Bacelar do Nascimento. Do júri desta tese fez parte o Prof. Doutor João Malaca Casteleiro, a quem é dedicado este artigo.

1. Notas Introdutórias

Neste breve artigo pretendo salientar o poder cognitivo da metáfora na terminologia náutica portuguesa, na sua interface entre a língua e a cultura, instrumentos através dos quais comunicamos em sociedade.

Numa primeira fase, delimitarei o conceito de metáfora para depois, numa segunda fase, me dedicar aos aspectos gerais e específicos deste tema.

Este artigo foi elaborado tendo como base trabalhos anteriores que conduziram à obtenção do grau de Doutor em linguística portuguesa.

¹ A autora encontra-se ligada ao Conselho Científico do Instituto de Linguística Teórica e Computacional e trabalha em pós-doutoramento no Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa, sob a orientação do Prof. Doutor Alexandre Castro Caldas.

2- Delimitação do conceito de metáfora

A metáfora tem sido, ao longo dos tempos, um tema que suscitou e suscita grande interesse e polémica, tendo sido abordado a partir de várias perspectivas. A filosofia, enquanto estudo do conhecimento, tem desenvolvido, sobre este tema, vários filões teóricos que remontam à tradição aristotélica e se fundam nas teorias sobre significado e referência. Assim, é impossível falar da metáfora desligando-a destas bases.

Também surgiram, sobretudo desde os anos 80 do século XX, outros estudos sobre a linguagem e a cognição (psicologia, linguística e mais recentemente neurologia),² que se têm dedicado fundamentalmente a explorar a importância da metáfora enquanto interface entre a linguagem a cognição e a cultura.

No contexto desta publicação e na sequência de trabalhos anteriores (cf. Mineiro 2005 e Mineiro & Steeger (2004)), entenderei a metáfora como uma operação intelectual que consiste em pensar³ um domínio de experiência em termos de outro. Esta posição ancora-se no modelo cognitivista proposto por Georges Lakoff e Mark Johnson em “Metaphors We Live By” (1980). Nesta obra, os autores defendem o carácter criativo da metáfora, insistindo no poder deste recurso cognitivo⁴ que organiza conceptualmente e re-estrutura os domínios de experiência humana na medida em que um domínio é compreendido e experimentado em termos de outro.⁵

O modelo proposto por Lakoff e Johnson fundamenta-se na ideia de “ projecção conceptual”⁶ entre dois domínios: um domínio-fonte⁷ e um domínio-alvo.⁸ O domínio-alvo é “percepcionado e compreendido” através do domínio-fonte nos seus aspectos globais ou apenas através de parte deles. A metáfora é então tratada a partir de uma “separação” inicial de duas entidades: os dois domínios conceptuais (fonte e alvo) e, dessa “separação”, resulta

² Veja-se o interesse que o estudo da metáfora tem tido nesta área manifestado p.e. entre outros em “Neuronal Processes in Creative Metaphor” de Mac Cormac (1995).

³ No processo metafórico pode conceptualizar-se um objecto, uma emoção ou um sentimento em termos de outro. Sobre a expressão das emoções por processo metafórico veja-se, Hub Faria (1999) onde algumas dessas estruturas são tratadas (exs. *Transbordar de alegria; saltar a tampa (a alguém); ferver em pouca água*, etc.).

⁴ Entendo a cognição como Batoréu (2000:63): “*De um modo geral, entende-se por **Cognição** o exercício da inteligência humana, ou seja toda a actividade intelectual do Homem referente ao conhecimento e ao relacionamento existente entre este e a actividade humana, na articulação dos processos e estruturas nela envolvidos.*”

⁵ Tal como referem Lakoff e Johnson (1980: 5): “*The essence of metaphor is understanding and experiencing one kind of thing in terms of another*”.

⁶ Nas palavras dos autores “*conceptual mapping*”.

⁷ Nas palavras dos autores “*source domain*”.

⁸ Nas palavras dos autores “*target domain*”.

uma “resolução”, que assenta nas relações projectivas⁹ que estabelecem as duas entidades (domínios).

Este modelo cognitivo da metáfora baseia-se no pressuposto de que o nosso sistema conceptual é, por natureza, metafórico.¹⁰ Nós (humanos) compreendemos e raciocinamos utilizando (de forma consciente ou inconsciente) o nosso complexo sistema cognitivo¹¹ que inclui estruturas em que os “esquemas” e as “metáforas” tomam parte activa. O nosso conhecimento e a nossa mundivisão organizam-se através de esquemas conceptuais que se constituem enquanto modelos operativos de cognição e que são utilizados para compreender a nossa experiência e pensar sobre ela. Esses modelos cognitivos são inconscientes,¹² utilizados, portanto, sem esforço e adquiridos de, pelo menos, duas formas: através da nossa experiência directa e das inferências e generalizações a que isso nos leva, ou através da moldagem da cultura¹³ na nossa experiência (via dos modelos culturais transmitidos).

3- A metáfora da náutica: aspectos gerais

A metáfora, enquanto processo de pensamento que leva à construção de denominações especializadas ou termos,¹⁴ é muito produtiva na terminologia¹⁵ náutica portuguesa. As razões de tal produtividade situam-se, a meu ver, na funcionalidade deste recurso otimiza criatividade e economia processuais:

- criatividade, no sentido em que existe inovação (através da imaginação) para “alargar” os conceitos que são re-criados para novas funções;

⁹ Nas palavras dos autores “*cross-space mapping*”.

¹⁰ Tal como referem Lakoff e Johnson (1980: 3): “*Our ordinary conceptual system, in terms of which we both think and act, is fundamentally metaphorical in nature*”.

¹¹ Tal como em Batoré (2000: 64): “*A complexidade envolvida nos processos cognitivos faz-nos pensar que grande parte da cognição é anterior à própria actuação humana, podendo ocorrer tanto consciente como inconscientemente.*”

¹² Tal como em Lakoff e Turner (1989: 65-66): “*Cognitive models are not conscious models; they are unconscious and used automatically and effortlessly. We cannot observe them directly; they are inferred from their effects.*”

¹³ Esta ideia encontra-se também muito desenvolvida em Talmy (2001:373-374): “*Our general perspective is that there has evolved in the human species an innately determined brain system whose principal function is the acquisition, exercise and imparting of culture. This system for cultural cognition encompasses a number of cognitive capacities and functions, most of which are either weak or absent in other species. This system does not operate solely through a few simple forms of algorithmic processing applied broadly and iteratively. Rather, it processes culture as a highly differentiated, systematic, and structured complex that includes certain categories of phenomena but not others. The content of this structured cultural complex pertains both to conceptual-affective patterns and to behaviour patterns. Aspects of cognitive culture system's functioning are accessible to consciousness, but it seems probable that consciousness is not a necessary or automatic concomitant of many operations of the system.*” (sublinhados meus)

¹⁴ Entender-se-á a noção de termo como uma unidade lexical, de facto, que faz parte do sistema linguístico de uma língua natural e que possui um valor especializado, na medida em que pertence, diastraticamente, ao léxico e ao discurso de uma comunidade de especialistas (da náutica, neste caso). Entende-se a noção de termo como em Correia (no prelo).

¹⁵ Entender-se-á o conceito de terminologia, enquanto o conjunto de termos pertencentes a uma área de especialidade.

- economia, no sentido em que existe um “aproveitamento” através de uma transformação de recursos linguísticos e cognitivos existentes para criar outros conceitos associados a denominações existentes.

A utilização da metáfora em ciência não é apanágio da náutica e estende-se à ciência em geral.¹⁶ Sendo certo que a actividade científica faz ressaltar processos de criação baseados na analogia e na imaginação, compreendemos a “necessidade vital” das metáforas em ciência, de que falava Holton (1994), enquanto ferramentas privilegiadas e únicas do pensamento científico. As metáforas em ciência são duplamente úteis: por um lado, constituem-se enquanto instrumento explicativo das teorias científicas¹⁷ no que diz respeito à emergência na produção de conhecimento e, por outro lado, funcionam como mediatizadoras na comunicação científica.

4- A metáfora da náutica: aspectos específicos

A terminologia náutica portuguesa assenta (cf. Mineiro: 2005: 127) sobre três elementos pilares, metaforicamente estruturadores deste domínio de experiência. São eles: o mar, o meio e o barco. Sem eles, não existe ciência náutica e através deles observamos a onnipresença do pensamento metafórico nesta terminologia. Assim, o mar, o meio e o barco são pensados como seres vivos, humanos e animais. Dessa conceptualização genérica e maioritariamente antropomórfica nascem metáforas em cadeia¹⁸ referentes ao barco (partes e todo), ao tipo de navegação utilizada, ao meio ambiente (condições meteorológicas), e ao próprio mar que se concebe com características dos seres vivos.

Foram encontradas (cf. Mineiro: 2005:129), cinco metáforas genéricas que determinam as metáforas específicas que sob elas se edificam. São elas:

Quadro I

I - O Mar é um ser vivo.	O mar é um ser vivo cujas reacções (previsíveis e imprevisíveis) se fazem notar na forma como é
--------------------------	---

¹⁶ Veja-se, a este propósito, as metáforas do corpo (boca, cabeça, etc.) encontradas por Naidea Nunes (2004) na terminologia açucareira do português em Cabo-Verde e S. Tomé e Príncipe.

¹⁷ Contenças (1999: 74) refere a propósito destas metáforas: “*As metáforas enquanto instrumentos de explicação das teorias são essenciais para a elaboração das próprias teorias. Por isso, uma vez estas constituídas não podem dispensar as metáforas, como se elas tivessem sido ferramentas úteis à sua elaboração, pois elas são parte da sua constituição e significado. É deste modo que as metáforas se tornam produtivas para o conhecimento científico.*” A mesma autora sublinha ainda (1999:10): “*[as metáforas constitutivas] são uma parte insubstituível da teoria, capazes de originar um conjunto de conceitos que, do ponto de vista da operacionalidade, determinam os métodos e os planos experimentais. As metáforas dão ao investigador uma visão dos fenómenos e conceitos que lhe permitem “olhar” numa certa direcção e é nesse sentido que elas sugerem estratégias investigativas, favorecendo a continuação do trabalho científico.*”

¹⁸ Em trabalho anterior (cf. Mineiro: 2005), foram encontradas 704 metáforas na terminologia náutica portuguesa.

	conceptualizado e que é preciso conhecer e, às vezes, afrontar para navegar.
II - O Meio é um ser vivo.	O meio (condições de navegação) conceptualiza-se como um ser vivo, cujas acções e reacções é necessário conhecer para navegar sem naufragar.
III - O Barco é um ser vivo.	Concebido, maioritariamente, ¹⁹ como um animal de transporte com o qual se faz uma travessia o barco também é conceptualizado como um ser humano que sofre estados de ânimo, tem vontades e caprichos, e até utiliza alguns recursos próprios da condição humana.
IV - O Barco é um espaço terrestre	O barco é concebido como um espaço urbano e rural: enquanto urbe concebe-se como um espaço habitacional; enquanto ruralidade concebe-se como um campo.
V- O Barco é uma arca de Noé	Assim concebido, o barco alberga vários tipos de animais que, no imaginário dos marinheiros, povoarão um novo mundo.

Relativamente à primeira metáfora, o “Mar é um ser vivo” encontramos sob esta conceptualização genérica, denominações como o mar é “vivo” ou “morto”, “banzeiro”, “livre” ou “revolto” entre muitas outras denominações que nos conduzem a compreender e a pensar o mar com características humanas.

A segunda metáfora, o “Meio é um ser vivo” organiza, de forma metafórica, os vários elementos do meio ambiente a partir dos quais, o barco navega,. Assim, a lua é “chorosa”, “trabalhosa” e “definha”. O céu é “amorfo”, “sujo” ou “zangado”. As nuvens têm “corpo” e “cauda”. O vento “falece”, “tem feitio”, é “rijo”, “duro”, “teso” ou “calmão”.

A terceira metáfora, o “Barco é um ser vivo” desdobra-se internamente e de forma inequívoca em dois sub-tipos:

- *o barco é um ser humano* e antropomorfiza-se em expressões metafóricas que o revelam enquanto ser que tem corpo de homem e de mulher (o barco tem “cabeça”, “bigodes”, “barba”, “seio”, “cintura”, etc.) e que está sujeito a emoções quando: “palpita”, “sofre”, “soluça”, “está desinquieto”, “tem paixão”, “beija” e “abafa”.

¹⁹ No sentido em que as metáforas do barco enquanto animal são mais numerosas do que aquelas que se referem ao barco enquanto pessoa.

- *o barco é um animal*, um peixe quanto à sua função de formato (o barco tem barbatana e cauda) ou um cavalo, quanto à sua função de “transporte” (o barco “aparelha-se”, tem “barbela”, “esporão”, dá “couces” e tem “galope” e “casco”, “empinando-se”, por vezes).

A quarta metáfora, o “Barco é um espaço terrestre” também se desdobra em dois sub-tipos de espaço: o *espaço habitacional* (uma “casa” e vários “castelos”) e o *espaço rural* em que o barco é concebido como um campo ou um bosque com “árvores”, “cogumelos” e vários tipos de flores.

A quinta metáfora, o “Barco é uma arca de Noé” é uma hipótese (proposta em Mineiro (2005: 157)) relativamente à conceptualização do barco enquanto elemento da cultura religiosa, visto que se encontra um considerável número de termos que são nomes de animais.

Na impossibilidade de tratar, no contexto desta publicação, de forma pormenorizada os vários aspectos que enformam as metáforas da náutica, e remetendo sobre este ponto para trabalhos anteriores (Mineiro: 2005 e Mineiro e Steeger (2004)), deter-me-ei, apenas, em dois pontos:

- por um lado, observar um dos tipos de interacção entre língua e cognição no pensamento metafórico da náutica e,
- por outro lado, dar conta da interface entre cognição e cultura na hipótese de metáfora proposta em “o barco é uma arca de Noé”.

4.1. A metáfora da náutica: recurso cognitivo da língua²⁰

A relação fusional entre linguagem e cognição, que defendo, é perceptível nos termos construídos por metáfora, na medida em que as duas dimensões interagem para a criação denominativa de forma concertada. São duas dimensões num acto único: o de criar “novos” termos. Este aspecto é discutido na literatura e aparece de forma particularmente clara, no caso da terminologia náutica, nas metáforas--sinónimas através da imagem mental comum às denominações sinónimas.

Foram encontradas no corpus explorado²¹:

²⁰ Agradeço à Prof. Doutora Isabel Hub Faria, a valorização que fez da tese (da qual este artigo é apenas uma breve passagem dos aspectos mais relevantes) e do estímulo que me deu para continuar a trabalhar as metáforas sinónimas.

²¹ Cf. Mineiro (2005).

- as metáforas-sinónimas cujas unidades de significação também são sinónimas na língua geral (LG) e que, neste caso, são a maioria (cf. Anexo: Quadro II, tipo 1);
- as metáforas-sinónimas cujas unidades de significação não têm correlato de sinonímia na língua geral (cf. Anexo: Quadro II, tipo 2).

As metáforas “rabo” e “cu”, “focinho” e “focinheira” e “barba”, “mar revoltoso” e “mar enxofrado”, “vaga confusa”, “vaga atrapalhada” e “vaga desencontrada” entre outros exemplos, são metáforas de carácter estrutural (um conceito opera através de outro conceito) e de alguma forma a sua sinonímia não nos oferece “grandes novidades” relativamente à língua geral, fazendo parte da variação necessária e presente no sistema linguístico. “Rabo” e “cu” são sinónimos na língua geral, embora pertençam a registos de língua diferente²² e o mesmo se passa com “focinho” e “focinheira”, sendo que o último termo é construído por derivação sufixal sobre o primeiro. Também os adjectivos “revoltoso” e “enxofrado” (aplicado a mar), assim como “confusa”, “atrapalhada” e “desencontrada” (aplicados a vaga) podem ser considerados sinónimos contextuais, já que partilham semas comuns.

O mesmo não se passa nas metáforas relativas à forma de navegar (“em borboleta”, “em cruz” e “em tesoura”) ou no par (“navegar em comboio” e “em conserva”), ou nas metáforas designativas da imagem do céu (“picado” ou “solto”), ou, ainda, nas metáforas designativas do estado do mar (“espelhado” ou “estanhado”). Nestas últimas, existe uma operação metafórica de carácter vinculadamente imagético.²³ Penso que esse tipo de operação metafórica (através da imagem) é determinante na proliferação de sinónimos, nestes casos, já que é através da imagem inicial que se propulsiona e propaga a continuidade denominativa neste tipo metafórico (imagético) feita através de referentes que, na língua geral, não são sinónimos nem conceitos-pares, mas cuja imagem física e mental se pode cruzar de forma “sinónima”.

A imagem mental da borboleta ou das *asas da borboleta* pode originar a imagem mental da *tesoura* ou de uma *cruz* e relaciona-se com a capacidade humana para explorar as noções espaciais, neste caso a intersecção entre o horizontal e o vertical. Também é a imagem mental associada à noção espacial de uma curvatura que faz de “unha” e “pestana” sinónimos, nesta terminologia. Pelo mesmo processo de identificação, “bigodes” e “proa” são sinónimos.

²² Pelo menos, na actualidade.

²³ Como em Lakoff (1987).

No caso de “navegar em comboio” e “navegar de conserva” a sinonímia é provocada pela imagem mental de um objecto estratificado, arrumado em camadas que se seguem umas às outras.

Também a imagem mental estereotípica do acto “picar” leva a que o resultado ou efeito do mesmo, em termos de imagem mental, seja partículas desagregadas, ou seja *nuvens soltas*, despegadas de uma nuvem maior e inicial que foi desagregada.

Da mesma forma, as propriedades reflectoras do “estanho” podem originar uma relação imagética (de sinonímia) com o “espelho”.

A relação de sinonímia é, nesta perspectiva, e no caso das denominações encontradas uma relação que não só encontra a sua explicação no seio do sistema linguístico através da funcionalidade e necessidade da variação como também é activada pelo próprio processo metafórico que exhibe, nestes casos, uma das suas mais interessantes versatilidades e facetas: a criação metafórica pela imagem.

Nestes casos, a criação do sinónimo – uma denominação diferente para um mesmo referente – faz-se através da identificação analógica entre duas imagens mentais, operando o mecanismo metafórico a nível da reformulação conceptual de um domínio (imagético) através de um outro domínio (imagético).

4.2. A metáfora da náutica: recurso cognitivo da cultura²⁴

Em Mineiro (2005) propôs-se que o barco fosse encarado como uma “arca de Noé” dado o elevado número de nomes de animais que estão presentes para nomear “objectos amovíveis” dentro do barco. Nesta hipótese, sustentou-se que o “Espírito dos Descobrimentos” era messiânico, no sentido de “povoar” o Oriente com os valores ocidentais (inclusivamente e sobretudo) os religiosos. A *arca de Noé* é uma herança religiosa forte, num país de tradição cultural católica, e, por isso, transmissora de valores relacionados com o início de um “novo mundo”. Consequentemente, nomear partes do barco e “objectos amovíveis” pertencentes ao barco, como animais (exs. “aranha”, “burros”, “cágado”, “camelo”, “cavalo” “cabra”, “cabrita”, “cegonha”, “cão”, “delfins” “dragão”,²⁵ “formiga” “gata – gato” (gato) “lambareiro”, “lebre”, “lobo”, “macaco”, “mosca”, “ovelhas”, “papagaio” “pássaro”; “sereia”; “rata - rato”, “raposa”, “macaco”, e “boi”) dentro do próprio “barco” (leia-se “arca”) foi uma consequência lógica da conceptualização dos Descobrimentos, época em que se firmou esta terminologia (cf. Mineiro: 2005: 15-17). Note-se que, dentro da nomeação dos

²⁴ Agradeço ao Prof. Doutor Francisco Contente Domingues os conselhos e as várias leituras que fez da tese e a oportunidade que me deu para poder discutir a metáfora da “arca de Noé”.

²⁵ “Dragão” e “sereia” não são “animais plenos” mas “figuras mitológicas”.

animais, se encontram com alguma frequência o par macho--fêmea ou animais cujo género feminino não é flexionado ou cuja denominação é uniforme para os dois géneros (exs. “raposa”, “mosca”, “aranha”, “papagaio”, etc.).

É também de realçar que este tipo de valores culturais enunciados nem sempre são coincidentes com a realidade e os objectivos dos monarcas vigentes e das classes sociais mais próximas do poder. Alguns estudos históricos provam que a história da expansão e dos Descobrimentos, encapsulada no espírito messiânico de cristianizar os povos, tinha como mira mais alta o enriquecimento do próprio reino e da nobreza.²⁶

De qualquer forma, a veiculação dos valores patrióticos e religiosos funcionou como impulso e motivação para esse notável e grande empreendimento que constituiu as Descobertas e, foram, sobretudo, os valores religiosos e não os valores comerciais que perduraram na memória do povo e na transmissão da cultura portuguesa, moldando assim o “pensamento cultural”²⁷ da época.

O processo de metaforização acontece aqui, neste caso, baseado nas estruturas cognitivas moldadas pela cultura, tal como defendem Lakoff e Turner (1989), Sweetser (1994). Não há um processo metafórico baseado em experiências primárias e relativamente autocentradas (o corpo humano, o comportamento humano), mas um processo de metaforização em que intervêm os factores culturais, historicamente datados, mesmo que carentes de “alguma” verdade. A transmissão cultural faz-se, muitas vezes, de forma acientífica e baseada num conhecimento estereotipado, ainda que muitas vezes o mesmo esteja afastado da verdade dos factos ou seja profundamente fictício.²⁸

Esta diferença assume uma grande importância no sentido em que mais uma vez realça a ideia de que o nosso pensamento é imbuidamente metafórico, baseando-se o mecanismo metaforizante não só naquilo que experimentamos e percebemos, enquanto seres dotados de um corpo e de um espírito, mas também naquilo que nos é transmitido por via da cultura. A capacidade de metaforizar encontra-se, assim, estreitamente ligada, diria mesmo colada, ao nosso pensamento, exibindo assim as nossas estruturas cognitivas que, embora inconscientes, se revelam, neste processo, de forma clara: ou através da nossa experiência (biológica,

²⁶Tal como refere Rocha Pinto (1999:128): “*Se, para a nobreza portuguesa, as verdadeiras motivações da expansão foram, senão a atracção da glória, o enriquecimento das suas casas senhoriais, elas ficavam sempre ocultas sob esta retórica cavalheiresca que misturava o espírito de cruzada (já decadente sobretudo após a desastrosa batalha de Nicópolis (...)) e proselitismo militante.*”

²⁷Sobre a influência da cultura na estrutura cognitiva, veja-se Talmy (2001: 274- 415).

²⁸Para exemplificar este facto diria que é sabido e dito pelos cientistas que os lobos não atacam, *a priori*, os seres humanos e até fogem deles. No entanto, continuam a perdurar histórias, às vezes retratadas na literatura infantil e de tradição oral, de lobos atacantes do ser humano.

comportamental) ou, como neste caso, através da cultura, tal como também referido por Contenças (1999) relativamente à metáfora científica.²⁹

5. Nota final

Neste artigo, pretendeu-se mostrar a operatividade da metáfora na terminologia náutica portuguesa realçando a sua funcionalidade enquanto mecanismo cognitivo cujo “processo” se revela através do sistema linguístico e se encontra, também, moldado pelo efeito da cultura.

6. Bibliografia

- Aristóteles (1991). *The Art of Rhetoric*. Londres: Penguin Books.
- Aristóteles (1995) *The complete works of Aristotele. The revised Oxford translation*. Barnef, J. (Ed.) Princeton / Nova Jersey: Princeton University Press.
- Batoréo, H. J. (2000). *Expressão do Espaço no Português Europeu – contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e da cognição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / FCT.
- Contenças, P. (1999). *A Eficácia da Metáfora na Produção da Ciência – o Caso da Genética*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Correia, M. (no prelo). Terminologia e morfologia: marcas morfológicas da génese do vocabulário da Náutica em português. Conferência plenária apresentada ao *IX Simpósio Ibero-Americano de Terminologia* (Barcelona, Novembro de 2004).
- Faria, I. Hub (1999). Expressões idiomáticas, metáforas, emoções, sentidos figurados e sujeitos experienciadores. In: I. H. Faria (org.). *Lindley Cintra, Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*. Lisboa: Cosmos, 377-402.
- Holton, G. (1994). La métaphore dans l’histoire de la physique. In: V. de Coorebyter (ed.). *Rhétoriques de la Science*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Lakoff, G. & M. Johnson (1980). *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press.
- Lakoff, G. (1987). Image Metaphors. In: *Metaphor and Symbolic Activity*, Vol, 2/3, 219-222.
- Lakoff, G. & M. Turner (1989). *More than Cool Reason. A field Guide to poetic Metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press.
- MacCormac, E. (1995). Neuronal Processes of Creative Metaphors. In: Zdravko Radman (eds.), 149-164.
- Mineiro, A. (2005). *O papel da metáfora na construção da terminologia náutica portuguesa*. Diss. De Doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa – inédita.
- Mineiro, A. & P. Steeger (2004). A produtividade dos nomes metafóricos da construção naval em português europeu: um estudo comparado a partir de textos dos séculos XVI e XVII e do século XX. In: *Actas do XX Encontro da APL*. Lisboa: APL, 227-236.

²⁹Contenças (1999:155):“O discurso científico está impregnado de muitas expressões metafóricas e o aparecimento dessa linguagem é influenciado pelas linguagens e factores socioculturais dominantes de uma dada época. A metáfora põe em jogo linguagens de diferentes áreas, reformulando e alargando o nível de significação de cada uma delas.”

- Nunes, N (2004). A terminologia açucareira do português em Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe: estudo comparado. *In: Actas do XX Encontro da APL*. Lisboa: APL, 757-776.
- Pinto, J. R. (1999). Impressões de África. *In: Lisboa e os Descobrimentos, 1415-1580: a invenção do mundo pelos navegadores portugueses*. 2.^a ed. Lisboa: Terramar, 127-140.
- Sweetser, E. (1990). *From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Language Structure*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Talmy, L. (2001). *Towards a Cognitive Semantics – Typology and Process in Concept Structuring*. Vol. 2. Cambridge, Mass./Londres: MIT Press.

Anexo:

Quadro II: metáforas sinónimas

Sinónimos		Unidades sinónimas na L.G. Tipo 1	Unidades não-sinónimas na L.G. Tipo 2	
Bigodes	Proa	Não	Sim	
Céu solto	Céu picado	Não	Sim	
Comer	Engolir	Sim	Não	
Mar estanhado	Mar espelhado	Não	Sim	
Mar enxofrado	Mar revoltado	Sim	Não	
Horizonte claro	Horizonte limpo	Sim	Não	
Horizonte verdadeiro	Horizonte racional	Sim	Não	
Navegar em comboio	Navegar de conserva	Não	Sim	
Navio ladrão	Navio pirata	Sim	Não	
Rabo	Cu	Sim	Não	
Unha	Pestana	Não	Sim	
Mar de carneiros	Mar de ovelhas	Mar de carneirada	Sim	Não
Navegar em borboleta	Navegar em cruz	Navegar em tesoura	Não	Sim
Vaga atrapalhada	Vaga confusa	Vaga descontraída	Sim	Não
Focinheira	Focinho	Bico Barba	Sim	Não